

BRASÍLIA, DF, 24 DE JULHO DE 1995

Em primeiro lugar, muito obrigado a todos vocês, muito especialmente aos que organizaram, ao Faleiros, que aqui está; e aos Deputados que aqui estão; ao Nion, que aqui veio; ao Deputado Perillo e à Lúcia Vânia, que, não sendo do PSDB, estão aqui, mas são quase; ao Jovair, que já falou; ao Deputado Serrano, prefeito que aqui está; e a todos vocês.

Nós devemos, nestes momentos em que estamos aqui, numa reunião do PSDB, falar com toda a clareza e com toda a franqueza. E saibam que tudo o que se diz aqui sai pelo mundo. Mas não tem importância.

Em primeiro lugar: as sugestões que me foram trazidas são as melhores possíveis. A questão da saúde, que foi mencionada aqui: realmente, eu tenho me referido a ela – até, hoje, a Lúcia viu, lá em Goiás, que eu me referi à questão da saúde. Por quê? Porque há já muito tempo que há uma crise financeira na saúde, a crise de financiamento da saúde. É verdade.

Mas o Governo, nos últimos dois anos, dobrou os recursos dados para os convênios: passou de 350 milhões de reais – quando eu era Ministro da Fazenda, chegamos a 400 e pouco – para 600 e poucos milhões de reais, em dois anos.

Recebi, recentemente, uma exposição de motivos do Ministro da Fazenda, pela qual me mostrava que, no global, este ano, sem contar com esses 40% para atender aos convênios, as verbas de saúde deverão alcançar cerca de 13 bilhões de reais; e, se somarmos esses, que darão mais uns dois, teremos uns 15 bilhões de reais. No ano passado, foram 9 bilhões. Aí, inclui pessoal também. Isso dá um *per capita*, hoje, maior do que o que eu havia prometido na campanha eleitoral. Todo o pessoal de saúde dizia: “Ah, não é possível, estamos gastando 40 a 50 dólares *per capita*. Precisamos...” A proposta era de 85 dólares. Nós já atingimos 85 dólares.

E eu tenho me perguntado: “E o povo tem sentido o efeito disso?” Então, não é só dinheiro. É preciso dinheiro, é inegável. Tenho apoiado o Ministro Jatene nas tentativas de obter recursos. Estamos tentando. Ainda vamos ter, talvez hoje – não tenho certeza, porque cheguei de Portugal nesta madrugada e não fui ainda ao Palácio do Planalto – uma reunião com o Ministro Serra, o Ministro Malan, o Ministro Jatene, para vermos a melhor forma de financiar a saúde. E vamos fazer o que for possível. Mas não basta. Não basta, porque é preciso mudar práticas. Então, a sugestão é bem-vinda.

Não sou especialista. *Eles* vão estudar. Mas estou convencido de que nós precisamos, também, rever muito profundamente o modo como se utilizam os recursos, porque senão vira um saco sem fundo, e sempre se pede mais. Acho que essa questão da saúde é fundamental.

No que diz respeito aos transportes, sou muito adepto da hidrovia. Vamos a Aruanã, no momento adequado, para marcar simbolicamente a questão da hidrovia, que é muito importante para o Brasil. Não só aqui no Centro-Oeste, mas em várias áreas do Brasil, a hidrovia tem que ser levada a sério. Mas não pode ser, como foi dito, em detrimento da Norte-Sul.

A Norte-Sul está sendo considerada. Estamos em tratativas para verificar as formas de financiamento. Há interesses em financiamento privado para continuidade da Norte-Sul. E, depois, vai ser possível fazer uma ligação entre a hidrovia e a Norte-Sul, de tal maneira que essa coisa vai se multiplicar, e muito.

Não tenhamos dúvida, nós temos que consagrar muitos esforços à infra-estrutura do Brasil, porque isso se liga a outro problema, que é o da agricultura.

Um dos principais problemas da agricultura é o escoamento da produção, como também o barateamento dos preços e o desperdício que há nesse processo todo. É claro que há os outros problemas que estão aí afligindo a todo mundo: a questão do financiamento, a questão da taxa de juros, tudo isso é verdadeiro.

Devo dizer que o Governo já raspou o fundo do tacho, em matéria de atender a emergências. E, quando atendo à emergência, eles pedem que atenda aos problemas estruturais. É verdade. Só que os estruturais são os que custam mais tempo para se equacionarem.

Por coincidência, no último encontro que tive com lideranças rurais, eles propuseram algo semelhante, e eu já concordei. Acho que nós temos que ter um horizonte: “O que é que nós vamos fazer com a agricultura brasileira?” Porque, senão, sobe o preço do milho e todo mundo planta milho. No ano seguinte tem supersafra. O Governo não tem mais como comprar. Os estoques estão abarrotados.

Daqui a pouco, vamos ter o problema oposto: tem muito estoque e começa a apodrecer. “Ah, por que é que não dá?” Porque, para tirar do depósito e levar para o povo, custa dinheiro. Quem paga? Então, um problema se acumula ao outro. E não é possível pensar que, num Brasil com 160 milhões de habitantes, com renda *per capita* de 3 a 4 mil dólares, o Governo resolva tudo. Não pode. Tem que haver uma organização da própria sociedade.

Então, nós temos que planejar, organizar os mecanismos. Plantar o quê? Onde? E o zoneamento ecológico? Não existe. Então, a história da nossa agricultura é de abundância e, em seguida, quebra; abundância e depois quebra, porque o preço cai. É o mercado. Não pedem sempre mercado? Pois, quando vem mercado, reclamam dele. É que o mercado é assim mesmo. Então, como o mercado é assim, nós temos que nos precaver contra ele e fazer um planejamento. Mas não é o Governo só quem vai fazer. A sociedade tem que estar discutindo e ver quais são as áreas mais adequadas, para plantar o quê? Onde é que há vantagem

comparativa? Não adianta plantar e depois não colher, ou colher e não ter a quem vender. Tem que vender, ter um mecanismo mais complexo.

É claro que tudo isso vai pressupor, também, um novo modelo de financiamento. Vai levar tempo. Eu não gosto de enganar o País. Por que é que vai levar tempo? Porque não adianta dizer: “Baixa a taxa de juros.” Ah! Se fosse assim, eu teria baixado já. Quem não? É que a taxa de juros não é uma questão de decisão. É uma questão objetiva.

Um governo que ainda pede dinheiro emprestado para poder sobreviver não tem como baixar a taxa de juros, porque o dinheiro não vem. Então, tem que fazer as reformas. Nós vamos fazê-las de qualquer maneira neste ano. Preciso do apoio de vocês. Não é porque acho bonito fazer as reformas. É porque é preciso ter um outro mecanismo de organizar o Estado. E tem mecanismo de financiar o crescimento da economia brasileira com os fundos. O melhor mecanismo para isso é, como fez o Chile, a criação de fundos de pensão. Não é para substituir a Previdência, porque o pobre não vai poder criar fundo de pensão. Claro, ninguém vai acabar com a Previdência. Mas a Previdência complementar tem que ser organizada em fundos, porque esses fundos financiam.

Hoje, temos a privatização. Vocês lembram que se dizia: “Os estrangeiros vão comprar o Brasil.” Quem é que está comprando as empresas que estão sendo privatizadas? São os fundos de pensão dos empregados. O que está acontecendo no Brasil é que a propriedade está passando, crescentemente, para a mão dos fundos de pensão dos empregados. Isso aconteceu nos Estados Unidos. É positivo. Para isso tem que ter dinheiro, tem que ter os fundos. Então, nós temos que organizar a Previdência. Não tem outro jeito. Vamos ter que reorganizar a Previdência. Dói? Dói. Mas, e daí? Se não se fizer nada, é pior. Pensa-se que se está fazendo um bem, e está se fazendo um mal.

Da mesma maneira é a questão da Administração Pública. Ainda agora, vejo reclamações sobre o Banco do Brasil. O Banco do Brasil propôs um plano voluntário de desligamento. Por quê? Porque ele está no vermelho. No primeiro semestre, teve 1,7 bilhão de reais de prejuízo. Quem vai pagar isso? É o povo? Acaba sendo o povo. Quando se diz “O

Tesouro paga”, o Tesouro é abstração. Não há Tesouro. É o povo, é imposto. Ou é imposto direto, ou é a inflação; mas sempre quem paga é o povo.

Então, não tenho o direito de deixar que o povo pague o Banco do Brasil porque ele está inchado ou porque foram feitos empréstimos errados. É verdade. Nos governos anteriores, é verdade. Mas, agora, nós não estamos fazendo isso, não.

Pode perguntar ao Presidente do Banco do Brasil se, alguma vez – já o Presidente Itamar não fazia –, eu, como Ministro da Fazenda ou como Presidente da República, mandei dar dinheiro a esse ou àquele? Eu não mandei dar a ninguém. Analisa-se tecnicamente.

Na Caixa Econômica é a mesma coisa. Nós estamos fazendo a reforma, porque é preciso fazer, é para o Brasil poder crescer. E é uma visão míope a de pensar: “Ah, bom. Vai enxugar, mas as pessoas vão perder o emprego.” Tem que arranjar outros empregos. É por isso que o Banco do Brasil fez tudo com acompanhamento, para ver se encontra emprego noutro lugar, com todas as condições, porque, se não fizer isso, daqui a pouco vamos para a falência. Aliás, tecnicamente, algumas das instituições já estão assim. Quando estão sem recursos, o que acontece? Quem está pagando é o povão, que morre aí na inflação ou no imposto, e o Tesouro paga, passa, transfere para essas instituições.

Então, para isso nós precisamos do PSDB na vanguarda. Eu disse isso um milhão de vezes. Infelizmente, deturpam tudo o que a gente diz. Eu não disse que a esquerda é burra. Disse o contrário: “Nós somos progressistas.” Nós estamos na esquerda e não somos burros, porque não precisa ser burro para ter uma posição de vanguarda. Pelo contrário. Foi isso que eu disse. E isso é verdadeiro. Nós temos que estar em uma posição de vanguarda.

Não adianta um partido inchado. Eu repeti isso outro dia e vi no jornal, hoje. Dessa vez, eu disse mesmo: “Não adianta ter um partido grande. Tem que ter um partido forte. E forte não é grande. É quem tem capacidade de convencer o povo.” Então, o partido tem que estar na vanguarda. Ser progressista é estar na vanguarda, não é defender tudo o que está aí.

Então, o que os militares fizeram no passado, o que o Getúlio fez, na época pode ter sido bom. Mas passa o tempo, mudam as condições. Nós não temos porque defender tudo o que está feito. Meu Deus! Isso é posição conservadora. Quem defende tudo como está é conservador. A definição clássica é essa. Quem quer mudar, quem faz reforma é quem está na vanguarda. Aqui, os sinais se inverteram. Então, muita gente pensa que está na vanguarda e está atrasado, porque está mantendo o que tem que ser mudado. E mudar custa. Mudar custa.

Hoje, eu disse de passagem, lá, em Goiás – aproveito que a Lúcia Vânia está aqui, pois a Anna Peliano não está –, o seguinte: dá trabalho mudar certas práticas, porque é mais fácil manter tudo como está. E, no começo, a gente não consegue acertar.

Na área social, ela sabe a dificuldade que está tendo, porque nós paramos com certas práticas e não as substituímos logo por outras. Mas estamos substituindo, estamos tentando mudar o modo de conceber o Estado brasileiro, sobretudo o Governo Federal, que não pode, diretamente, se ocupar de questões municipais, tem que passar as responsabilidades para os municípios. É mais fácil dar o recurso ao município do que ficar pensando que está gerindo. Os municípios precisam de um certo apoio técnico, porque alguns não têm condições. Então, você tem que ter a base técnica do Governo Federal e também o controle para ver se o dinheiro está sendo usado corretamente, adequadamente.

Temos que incentivar, cada vez mais, que haja uma capilaridade. Não vamos mudar o Brasil daqui de Brasília. Vai se mudar é lá na base, no município. Vocês é que estão mudando. Aí, precisa-se de um PSDB realmente muito ativo, muito agressivo nas idéias, nas práticas.

Portanto, essas sugestões são excelentes. Vamos analisá-las. Isto é o que acho que tem que ser o PSDB: propondo para avançar. Avança na agricultura, avança na saúde, avança nos transportes e no que mais seja; critica o Governo – não tem importância, porque, se não criticar, não anda apropriadamente. Sugere alternativa, vê se está boa, e vamos em frente.

No que diz respeito às questões propriamente do partido, eu nomeio quem eu quiser, para onde eu quiser. Não é nenhuma arrogância mi-

nha, não. Eu tive 34 milhões de votos. Sou o Presidente da República. Tenho equilíbrio. Não vou fazer facciosismo partidário. Não estou fazendo. Por quê? Porque ninguém governa somente porque teve 34 milhões de votos. Para governar, você tem que ter a reiteração desse apoio no dia-a-dia, no Congresso, na sociedade, na imprensa. Então, tenho que tomar em consideração o conjunto de partidos.

E, mesmo que o PSDB tivesse a maioria, ele teria que tomar em consideração os outros, porque democraticamente é assim. Não é um rolo compressor. Tem que haver, aí, uma articulação. Agora, isso não significa que qualquer outro partido possa ter a pretensão que nem eu tenho. Eu, que tenho a “caneta”, não faço isso, não imponho sem olhar as condições. Por que é que quem não tem a “caneta” vai impor? Não vai. A vontade do Presidente prevalece para equilibrar; não prevalece para fazer o arbítrio, não prevalece para fazer favoritismo, mas prevalece para manter uma situação de equilíbrio. Vai prevalecer em Goiás também. Não tenham dúvidas quanto a isso. Com bom senso, com equilíbrio, mas vai prevalecer.

É claro que o partido, estando numa posição de vanguarda, tendo gente respeitável, pode ganhar muitos municípios.

Eleição, no Brasil, ganha-se quando se tem candidatos capazes de competir. Não é só isso. Às vezes precisa ter sorte, às vezes precisa ter algum apoio, além do candidato; mas tem que ter candidato.

Então, a preocupação maior do PSDB deve ser escolher boa gente para entrar no partido. Não adianta muita gente. Se tiver muita gente boa, tudo bem. Mas é boa gente, porque o povo está cada vez mais de olho aberto.

Nós não ganhamos seis estados da Federação, os principais estados e a Presidência da República? E quantos nós éramos no Congresso? Nem 50. E nós não ganhamos tudo? Por quê? Porque apresentamos candidaturas com propostas. Por que é que estamos conseguindo aprovar uma porção de coisas? Porque não existe alternativa. Quem é que faz oposição no Brasil? Ninguém. Porque oposição para valer é você dizer: “Olha, isso aqui está errado e eu proponho tal coisa.” Aí o povo vai. E a oposição não é uma oposição política propriamente dita. Ela levanta

questões o tempo todo, o que não é mal, porque, aí, obriga a gente a se ajustar, a reciclar.

Agora, por que é que não há oposição? É porque houve uma convergência no Brasil. O Brasil passou a sentir que tem que dar certos passos e sentiu que nós temos direção, sentiu que o PSDB tem proposta, é aberto, conversa com os outros partidos, amplia a sua base, mas dá o rumo. E o Presidente não vai fugir nunca da raia para dar o rumo. Não vai.

A que posso aspirar mais na minha vida, senão a servir a este país, com convicção, e ir em frente? Não posso aspirar a mais nada. O máximo a que alguém pode aspirar na sua vida pública é à oportunidade de marcar aquilo que o País sente que é necessário ser feito. É fazer.

Eu não vou fazer sozinho. Não dá. Ninguém faz sozinho. E aí entra, de novo, o PSDB. Por quê? Porque é o partido do Presidente, é o partido que pode falar comigo com mais liberdade, mais diretamente. Então, acho que temos muito que fazer em comum.

Reitero que não tenho visão monolítica das coisas. Ainda que o PSDB tivesse maioria, eu queria apoios. Ainda que eu pudesse ter vencido as eleições sem alianças, eu quis alianças. E vou continuar assim, porque isso é profundo no meu pensamento de sociólogo, além de ser no do político. Não se muda uma sociedade moderna senão buscando convergências, o que não quer dizer não ter oposição, não ter discussão, conflitos. Mas você tem que buscar uma convergência dinâmica, não uma convergência estática, para parar.

Portanto, outros partidos fazem parte do Governo. E aqui estamos. A Vânia Lúcia está aqui assistindo à conversa e outros partidos mais, como, hoje de manhã, o PMDB e o PFL. Eles fazem parte do Governo.

Agora, qual é a força do PSDB? A principal é ter a capacidade de propor o avanço, é a da inovação, é a de dar sustentação para a inovação. E essa inovação torna-se, evidentemente, mais facilmente difundida quando ela sai através da ação e das palavras do Presidente da República, que é do PSDB.

Então, é por aí que nós devemos avançar, com muita firmeza. Tenho a esperança e a certeza mesmo de que, em Goiás, esse punhado de gente que está aí, bravamente lutando dentro do PSDB, com muita compre-

ensão para com as dificuldades que estão suportando e com muita tolerância para com o Governo Federal – eu agradeço –, tenho a certeza de que esse conjunto de pessoas, as lideranças que aqui estão vão para diante e o partido vai se solidificar, não pelo inchaço, mas pela coerência e pela vontade política de servir ao povo.

Muito obrigado a vocês.

